

O mundo velho está a morrer, *o novo ainda não nasceu.* Este é o tempo dos **monstros.**

**Apontamentos para tentar
compreender a guerra na Ucrânia**

**António José
Avelãs Nunes**

**O mundo velho
está a morrer,
o novo ainda não nasceu.
Este é o tempo dos
monstros.**

*Apontamentos para tentar
compreender a guerra na Ucrânia*

*António José
Avelãs Nunes*





Conselho Editorial
Doutor Cláudio Roberto Cintra Bezerra Brandão
Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco – Brasil

Doutora Sílvia Isabel dos Anjos Caetano Alves
Professora da Universidade de Lisboa – Portugal

Doutor Georges Martyn
Professor da Universidade de Ghent – Flanders/Bélgica

Doutora Agata Cecilia Amato Mangiameli
Professora da Universidade de Roma II – Itália

Doutora Ana Elisa Liberatore Silva Bechara
Professora Titular da USP – Brasil

Doutor Stelio Mangiameli
Professor da Universidade de Teramo – Itália

Doutor José Geraldo de Sousa Junior
Professor Titular da Universidade de Brasília – Brasil

Doutor Joaquim Portes de Cerqueira César
Doutor em Direito Constitucional pela PUC/SP – Brasil

Doutor Thomas Law
Doutor em Direito Comercial pela PUC/SP – Brasil

Doutor Marcelo Figueiredo
Professor da PUC/SP – Brasil

Doutor João Grandino Rodas
Professor Titular da USP – Brasil

Editor Chefe
Plácido Arraes

Editor
Tales Leon de Marco

Procuradora Editorial
Bárbara Rodrigues

Capa e arte gráfica
Bárbara Rodrigues
(Imagem via freepik)

Diagramação
Nori Firmo de Assis

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, por quaisquer meios, sem a autorização prévia do Grupo D'Plácido.

Copyright © 2024, D'Plácido Editora
Copyright © 2024, Antônio José Avelãs Nunes.

Belo Horizonte
Av. Brasil, 1843, Savassi, Belo Horizonte, MG – CEP 30140-007
Tel.: 31 3261 2801

São Paulo
Avenida Paulista, 2073, Conjunto Nacional. – São Paulo, SP – CEP 01311-940

Catálogo na Publicação (CIP)

341
V323m
13356

11972 Nunes, Antônio José Avelãs, 1939-
O mundo velho está a morrer, o novo ainda não nasceu. Este é
o tempo dos monstros. Apontamentos para tentar compreender
a guerra na Ucrânia / Antônio José Avelãs Nunes. – 1. ed. - Belo
Horizonte, São Paulo : D'Plácido, 2024.
458p.

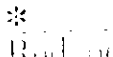
ISBN 978-65-5589-916-0

1. Direito 2. Direito Público 3. Direito Internacional 4. Ucrânia -
História - Invasão Russa, 2022- I. Título.

CDDir: 341

Bibliotecária responsável: Fernanda Gomes de Souza CRB-6/2472

D'PLÁCIDO



Sumário

Apresentação.....	9
Uma saudação especial para os meus leitores brasileiros.....	15
1. EUA: uma das principais nações terroristas.....	19
2. Da derrota do nazi-fascismo à «otanização» da Europa.....	77
3. A guerra dos EUA/NATO/UE contra a Jugoslávia (1999): a primeira guerra na Europa depois de 1945.....	101
4. As guerras contra o Iraque e contra a Síria.....	117
5. A Ucrânia e as suas circunstâncias:.. Da guerra interna contra os «inimigos da Ucrânia» à guerra por procuração contra a Rússia.....	129
6. Em vez de «diálogo, diálogo, diálogo» veio guerra, guerra, e mais guerra.....	191

7. A guerra é a guerra.....	213
8. A guerra na Ucrânia é também uma guerra contra a Europa. E a Europa perdeu-se na guerra. Este é o tempo dos monstros.....	227
9. Os EUA/NATO: a maior ameaça à paz no mundo.....	327
10. O centro do mundo está a mudar.....	355
11. O direito à paz é um direito da Humanidade.....	385
Referências bibliográficas.....	439
Índice de Assuntos.....	451

Apresentação

Caras Leitoras e Caros Leitores,

Chega-lhes às mãos, pela Editora D'Plácido, a edição brasileira de um livro que é verdadeiramente contra-a-corrente da exposição dominante no ocidente sobre temas como imperialismo, geopolítica, estratégia de dominação internacional, militarismo e outros, desembocando na situação presente, da guerra na Ucrânia, palco no qual se digladiam os Estados Unidos da América e a Rússia, conforme expõe António Avelãs Nunes, renomado Professor Catedrático Jubilado de Economia Política da Faculdade de Direito de Coimbra, e Doutor *Honoris Causa* de Universidades no Brasil e na Espanha, além de reconhecido autor de obras de relevo em sua área de conhecimento.

Com linguagem clara e acessível, Avelãs contextualiza o atual conflito a partir do término da *guerra fria*, que se transformou em uma *paz quente*, em razão da manutenção da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN (que o autor grafia como NATO, pela ortografia internacional) e seu expansionismo na Europa, que abdicou de sua autonomia geopolítica, apesar do desmantelamento do bloco comunista, em 1989.

Trata-se de uma obra de relevo, ao explorar aspectos que são expostos de forma fragmentada pela historiografia ocidental, traçando um fio condutor que narra de onde partiu e como se chegou ao conflito que ameaça não apenas a integridade da Europa, mas todo o mundo, especialmente em razão dos grandes blocos econômicos atualmente existentes, que também geram múltiplas alianças entre os países. Destaca-se os BRICS, que unem Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, dentre outros países adventícios, que conecta um dos contendores

na guerra ucraniana, a Rússia, à outra potência militar e econômica, que é a China, que possui interesses soberanos em Taiwan, igualmente em conflito com a política externa norte-americana.

Antônio Avelãs Nunes expõe que os interesses imperialistas dos Estados Unidos é que estão gerando esta instabilidade, sendo que a Europa, infelizmente, nada aprendeu com o término de sua fase colonialista, e se tornou um instrumento dos interesses norte-americanos. E recorda o projeto de Charles De Gaulle, ex-Presidente francês, quando falava de uma *Europa do Atlântico aos Urais*, e o pensamento de Gorbatchov, ex-Chefe de Estado da URSS, quando tratou da *Casa Comum Europeia*, de Lisboa a Vladivostok, o que acarretaria a extinção da OTAN e a busca por se tornar uma potência política relevante no cenário mundial. Ao invés, a Europa preferiu delegar à OTAN a sua defesa militar, mantendo-a viva e atuante em seu território, comprometendo sua soberania política, o que transformou os países europeus em súditos dos interesses norte-americanos.

Dissolvido o Pacto de Varsóvia, a manutenção da OTAN (criada, aliás, seis anos antes daquele Pacto) deixou claro que a OTAN foi, desde o início, um instrumento da política externa dos EUA, para evitar a 'expansão do comunismo', mas também para dominar a Europa e para inviabilizar as tentativas de aproximação (no plano militar, mas também no plano econômico e no plano político) entre a Europa e a URSS e, depois, entre a Europa e a Rússia.

Neste quadro, o Autor põe em relevo o processo de expansão da OTAN para leste, até às fronteiras da Rússia, em clara violação dos compromissos assumidos pelos EUA perante a URSS e perante o mundo (na sequência da integração das duas partes da Alemanha e sua manutenção na OTAN), pelos quais a OTAN não avançaria nem uma polegada para leste, rumo à fronteira russa. Iniciado com Bill Clinton, este processo continuou até hoje, culminando com a Cúpula da OTAN realizada em Madri em junho de 2022, que aprovou a entrada da Finlândia e da Suécia naquele bloco e consagrou o que Joe Biden classificou como a "otanização da Europa", isto é, a transformação da Europa (a *Europa otanizada*) em um satélite dos EUA/OTAN.

Segundo Avelãs Nunes (que invoca o parecer de especialistas, civis e militares, sobretudo norte-americanos), este foi o caminho que conduziu à guerra na Ucrânia. Em sua opinião, os perigos inerentes

ao expansionismo americano e ao mundo unipolar comandado pelos EUA transparecem da Cúpula da OTAN de Madri também pelo fato de, pela primeira vez, terem sido convidados a participar de tal reunião países como Austrália, Nova Zelândia, Japão e Coreia do Sul, que sequer possuem limites geográficos com o Atlântico Norte, centro da atuação e atenção da OTAN. É um sinal claro de que os EUA pretendem ativar o velho projeto de criar uma *OTAN do Pacífico*, para se ocupar da guerra contra a China.

Em sua análise, Antônio Avelãs Nunes não esconde que cabe ao governo russo a responsabilidade de ter invadido a Ucrânia. Mas recorda a opinião de ilustres acadêmicos, diplomatas e militares que entendem que esta guerra não começou em 24/2/2022, mas na Cúpula da OTAN em Bucareste (abril/2008), quando, por pressão dos EUA (contra a opinião da Alemanha e da França), a OTAN anunciou a entrada na Organização da Ucrânia e da Geórgia. E prosseguiu com o golpe de estado ocorrido na Ucrânia, na Praça Maidan (2014), organizado pelos EUA (com a presença no terreno da Subsecretária de Estado Victoria Nuland, que escolheu pessoalmente alguns membros do novo governo instalado em Kiev). Dado o peso político assumido pelas forças ultranacionalistas anti-russas e pelas milícias armadas nazi-fascistas, os novos governantes ucranianos iniciaram uma guerra cruenta contra as populações russófonas do Donbass, e recusaram-se, posteriormente, a cumprir os *Acordos de Minsk* (ratificados por unanimidade pelo Conselho de Segurança da ONU) com os quais se pretendeu resolver a situação criada no Donbass.

As questões da segurança da Rússia (Moscou e São Petersburgo podem ser atingidas em poucos minutos pelas armas da OTAN instaladas nas fronteiras da Rússia) e a defesa dos direitos das populações russófonas do Donbass terão sido, segundo os autores citados por Avelãs Nunes (dentre os quais muitos norte-americanos), as razões que levaram a Rússia a atacar a Ucrânia. Muitos altos responsáveis norte-americanos reconhecem que esta é uma *guerra por procuração* desencadeada pelos EUA. E a verdade é que na reunião do Fórum Davos de 2023, o Ministro da Defesa da Ucrânia declarou explicitamente que os ucranianos estavam fazendo a guerra e morrendo para *cumprir um projeto da OTAN*, partindo daqui para justificar o dever dos países ocidentais de fornecer armas à Ucrânia para que as suas tropas possam fazer a guerra contra a Rússia e derrotar a Rússia.

Não é fácil prever como vai acabar esta guerra, mas muitos especialistas entendem que a Rússia (que, a par dos EUA, é a maior potência nuclear do nosso planeta) não pode perdê-la, porque isso significaria o seu desaparecimento como potência mundial.

Em consonância com a generalidade dos autores, António Avelãs Nunes entende que a Europa (a *Europa otanizada*) já perdeu esta guerra. Se conseguissem derrotar a Rússia, os EUA ficariam mais à vontade para fazer a guerra contra a China, o seu principal *inimigo estratégico* na atualidade.

Importa salientar, porém, que, na sequência desta guerra, vem-se travando uma disputa surda pelo poder económico-político à escala global, que se revela como uma contestação do dólar norte-americano como moeda básica das transações internacionais, o que vem sendo colocado em xeque pela opção de diversos países em adotar outra moeda em suas trocas comerciais e nos empréstimos internacionais. A China e a Rússia já utilizam o yuan, moeda chinesa, como referência em suas transações. Os BRICS, que há anos vinham trabalhando neste sentido, aceleraram os trabalhos para criar um sistema de pagamentos internacionais alternativo, movimento que tem suscitado o interesse de vários estados importantes, amigos tradicionais dos EUA (Egito, Indonésia, Turquia, Arábia Saudita, e até mesmo a Turquia, membro da OTAN).

A China é hoje o maior parceiro comercial do Brasil (é também o maior parceiro comercial da União Europeia e dos EUA) e o Brasil é o maior parceiro comercial da China na América Latina. Pois bem. Recentemente, o Banco Central da China e o Banco Central do Brasil celebraram um acordo que permite os pagamentos das transações comerciais entre os dois países completamente à margem do dólar. Está em causa a hegemonia do dólar como *moeda política* sustentada pelo poderio militar dos EUA e o papel dominante dos Estados Unidos ao longo do tempo. A emissão de títulos públicos em yuan, garantidos pelo governo chinês, e sua aceitação pelo mercado mundial, também é outro ponto de *stress* no panorama internacional.

O centro do mundo pode estar a deslocar-se para Oriente: segundo todos os dados disponíveis, por volta de 2028-2030, a China será a maior economia do mundo, seguida dos EUA e da Índia, com o Japão em quarto lugar. E talvez esteja a chegar ao fim a decantada *ordem internacional baseada em regras*, que os EUA sempre invocam, na tentativa de conseguir que sejam as 'suas regras' a governar o mundo,

o *mundo unipolar* que têm tentado impor às outras nações, muitas vezes pela força, à margem da Carta da ONU e até contra as normas da OMC.

Como ocorre em toda sua bibliografia, a análise de Avelãs Nunes nesta obra não se circunscreve a uma análise maniqueísta, dos *bons* contra os *maus*. No caso, nem a Rússia, nem os Estados Unidos, e muito menos a Europa, podem ser colocados com *exclusividade* em qualquer ponta desse espectro. Todos possuem sua parcela de responsabilidade nesse conflito, que se acelera e se expande nas linhas de transmissão da economia política internacional, casada com a geopolítica. Trata-se de um ponto de vista que funciona como um necessário contraditório dialético ao que se expõe de forma dominante no ocidente.

É um texto imprescindível para se entender o que se passa na Europa e no mundo, onde, ao invés de uma *guerra fria*, existe uma paz que se aquece dia a dia, em busca de dominação política e econômica sobre outros povos no seio de uma disputa local, na Ucrânia, com reflexos globais, dos quais o Brasil não está isolado.

A saída, propõe Avelãs, não será através de vencedores na disputa bélica, mas na busca de alternativas para levar paz às populações atingidas por esse flagelo, independentemente de suas nacionalidades, desarmando os contendores, com soluções políticas e não armamentistas sobre a mesa. Como lembra Avelãs Nunes, relatando o que consta da Ata Final da Cúpula de Helsinque, de 1975, o direito de um país à segurança não pode pôr em causa o igual direito de outro à mesma segurança. Quem sabe inserir a Ucrânia na União Europeia, em conjunto com a Rússia, não seja uma alternativa? *Mais União Europeia e menos OTAN pode ser uma solução.*

O autor adotou, como fio condutor do livro, o diagnóstico de Antonio Gramsci, em seus *Cadernos do Cárcere*, escritos quando se encontrava nas prisões fascistas de Mussolini como prisioneiro político: “o mundo velho está a morrer. O mundo novo tarda em aparecer. Neste claro-escuro nascem os monstros”. Comenta o mestre de Coimbra: “Seria bom que ele não tivesse razão. Mas os monstros andam por aí à solta...”.

Recomendo a obra a todas e a todos que buscam conhecer um pouco mais sobre geopolítica mundial, por se constituir em uma preciosa análise contra-a-corrente discursiva ocidental, permitindo que todos exerçam o contraditório intelectual sobre os acontecimentos que estamos vivenciando e que impactam nosso dia a dia.

Aproveite o livro e reflita sobre o que está ocorrendo no mundo
e seus impactos no Brasil.

São Paulo, abril de 2023

Fernando Facury Scaff

Professor Titular da Universidade de São Paulo